

# DA TRAGÉDIA À NOVELA-POEMA: UM DIÁLOGO EM EXPANSÃO

**FLAVIA AMANCIO PEREIRA DE JESUS\***

Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 7 abr. 2025. Aprovado em: 15 abr. 2025.

Como citar este artigo: JESUS, F. A. P. de. Da tragédia à novela-poema: um diálogo em expansão. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 2, p. 95-109, maio/ago. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n2p95-109

## Resumo

O presente artigo investiga o tema do sacrifício na novela-poema *Os velhos também querem viver* (2015), de Gonçalo M. Tavares, uma releitura da tragédia *Alceste*, de Eurípidés. Busca-se compreender o ato sacrificial como exclusão de si por um bem maior, além de estabelecer conexões entre as obras e questionar sua eficácia na vida prática. Os textos, ainda que de gêneros diferentes (uma novela-poema e um trágico), baseiam-se em um mesmo episódio, porém, em períodos historicamente distintos: Gonçalo M. Tavares, no final do século XX, e Eurípidés no século V a.C., período moderno e clássico.

---

\* E-mail: fpereiraj@gmail.com  
 <https://orcid.org/0009-0000-5442-6208>

## Palavras-chave

Gonçalo M. Tavares. Sacrifício na literatura. Eurípides.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho apresenta uma análise crítico-argumentativa de duas obras que têm a morte sacrificial como tema central: *Alceste*, tragédia euripidiana, do século V a.C., e a novela-poema *Os velhos também querem viver*, de Gonçalo M. Tavares, lançada em 2015. Ambas tratam do sacrifício de uma mulher por um homem – no caso, de uma mulher por seu marido –, excluindo a si mesma por um bem maior. Tal dinâmica suscita-nos o questionamento: seria a morte sacrificial mais um meio de controle social do homem em relação à mulher?

### **ALCESTE, DE EURÍPIDES, E OS VELHOS TAMBÉM QUEREM VIVER (2015), DE GONÇALO M. TAVARES**

*Alceste*, encenada em 438 a.C., é a mais antiga das 17 tragédias de Eurípidés que chegaram até nós. A narrativa se inicia pouco antes da morte da rainha homônima, quando Apolo e a Morte (ou Tânatos) discutem o iminente falecimento do rei Admeto. A rainha decide sacrificar-se no lugar de seu marido e ambos, Feres e sua esposa, pais de Admeto, despedem-se da nora de forma dolorosa. No palácio, todos lamentam o fim trágico de Alceste, pois, mesmo sendo admirada por seu caráter benevolente, não pôde escapar do destino implacável.

Desavisado do que está acontecendo no palácio, Hércules chega ao reino pedindo hospedagem, e é acolhido por Admeto em conformidade com a lei da hospitalidade – sem ser inteirado da morte da rainha. Enquanto se banqueteia e se embriaga com vinho, Hércules parece ignorar o luto que permeia a residência de seu anfitrião, o que causa estranheza entre os servos e demais cidadãos. No entanto, contrariando as ordens do rei, um dos servos revela a verdade sobre o que está acontecendo ao semideus, momento em que Hércules decide agir para reverter o trágico destino.

No túmulo onde Alceste foi enterrada, o herói surpreende a Morte, que vem reclamar as honras fúnebres, e a obriga a libertar Alceste para trazê-la de

volta à vida. De pé, coberta por um véu, Alceste é apresentada a Admeto como um presente pela hospitalidade. Admeto, inicialmente hesitante, aceita-o e se depara com sua esposa Alceste, viva, quando levanta seu véu.

No livro *Os velhos também querem viver* (2015), o escritor português Gonçalo M. Tavares recria a tragédia euripídiana no contexto do século XIX, transpondo-a para o cerco de Sarajevo pelo exército sérvio, ocorrido nos anos 1990. A obra, um poema narrativo, assume forma de paródia, utilizando uma abordagem ao mesmo tempo jocosa e crítica para promover uma reflexão sobre o sacrifício de Alceste e a recusa do sacrifício por parte de Feres, pai de Admeto, que em nenhum momento se dispôs a morrer no lugar do filho.

Nessa versão, Admeto é atingido na cabeça por uma bala de *sniper* e estaria destinado a morrer. Entretanto, Apolo, seu protetor, deseja que ele sobreviva, fazendo com que a Morte leve outro corpo em seu lugar. Semelhante à tragédia original, nenhum conhecido ou parente se oferece, exceto Alceste, sua esposa – sendo um sacrifício por amor, como destaca o narrador do livro.

Admeto lamenta profundamente a morte de Alceste e expressa ressentimento contra o pai por não ter se sacrificado em seu lugar, uma vez que Feres, sendo mais velho, teria menos tempo de vida, enquanto Admeto, mais jovem, teria mais a perder. O pai, por sua vez, defende seu direito à vida em um longo monólogo, argumentando que a vida não é um simples cálculo aritmético. Sem prolongar a discussão, no entanto, Admeto se afasta do pai para acompanhar o cortejo fúnebre.

Hércules chega à casa de Admeto e é recebido com hospitalidade, sem saber que a família está de luto por conta do sacrifício. Após ser informado por um servo sobre o ocorrido, decide agir: vai à sepultura de Alceste, luta com a Morte e a leva de volta ao lar, agora coberta por um véu como um presente pela hospitalidade. Admeto, inicialmente hesitante em aceitá-lo – pois havia prometido à esposa que nunca colocaria outra mulher em sua casa –, acaba por fazê-lo. Ao levantar o véu, descobre que se trata, na verdade, de Alceste. Ela está viva.

## ANÁLISES E DISCUSSÃO

A morte sacrificial de Alceste simboliza a supremacia de Admeto como homem e rei. Contudo, é importante destacar que tanto a tragédia quanto a

novela-poema de Tavares permitem ao leitor vislumbrar outras perspectivas. Os textos exploram, por exemplo, o temor diante da morte, a recusa em aceitar o próprio destino e, sobretudo, a arrogância de Admeto, com a qual acredita que sua vida tem mais valor do que qualquer outra.

Admeto surge como um personagem de grande promessa; ele é agraciado com minutos adicionais de vida pelo deus Apolo – que já tinha sido hóspede em sua casa – até que encontre alguém disposto a morrer em seu lugar. Tal presente, inclusive, pode ser interpretado como um gesto de gratidão e amizade pela hospitalidade outrora recebida. Frederico Lourenço, em *Grécia revisitada: ensaios sobre cultura grega* (2022, p. 135), aponta que “[...] nessa peça espantosamente propiciadora de sucessivos aturdimentos no espectador, toda ação pode ser sintetizada em termos de laços de amizade”.

Entretanto, em seu desespero diante da morte (ou ao confrontar seu próprio destino), Admeto não consegue encontrar alguém disposto a perecer em seu lugar, isto é, a morrer em prol do rei. Ele é digno de simpatia e afeição, sendo um anfitrião exemplar, mas os cidadãos de seu reino o deixam à deriva: ninguém está disposto a enfrentar a morte.

Alceste é a única exceção entre todos – familiares, amigos e súditos – que se recusaram a morrer no lugar do rei; ela aceita entregar a própria vida para conservar a do marido. Mas, sob a perspectiva de Alceste, o que resta além da demonstração de verdadeira (ou suposta) generosidade e amor para com seu marido? – amor foi o termo escolhido pelo narrador da novela-poema para justificar a atitude benevolente da rainha; na tragédia *Alceste*, por sua vez, a palavra não aparece.

No livro *Grécia revisitada* (2022), o especialista em línguas e literaturas clássicas Frederico Lourenço faz uma reflexão sobre o amor na peça euripídiaca, afirmando não o ter encontrado: “[...] desde o *Banquete* de Platão à *Alceste* de Gluck, que adscrevem ao amor a causa do sacrifício de Alceste, não encontraram qualquer abono no texto de Eurípides” (Lourenço, 2022, p. 141). É possível perceber que, de fato, não há um diálogo emotivo entre Alceste e Admeto, tampouco evidência de troca de afeto nas duas obras. As falas de Alceste, nos raros momentos em que aparecem no livro, são secas e estacadas: “Sim, aceito. Sim, vou” (Tavares, 2015, p. 16), denotando uma característica obediente. Nas palavras de Lourenço (2022, p. 140): “É pelo marido que Alceste morre; não por Admeto”.

A atitude resignada e conformada de Alceste na obra de Tavares faz pensar que ela não tinha escolha, diferente dos heróis homéricos, como é o caso de

Aquiles, em *Ilíada*, que pôde escolher entre uma morte gloriosa ou uma vida longeva. Na novela-poema de Tavares, contudo, é por meio da figura de Admeto, atingido por um *sniper* com uma bala na cabeça, que Alceste se aproxima da morte. Por seu turno, pode-se dizer que Eurípides escolhe, não ao acaso, fazer a protagonista feminina vivenciar a morte por meio de um personagem masculino.

Sob a perspectiva da audiência das tragédias gregas, não havia dúvida de que a esposa assumiria a posição de se sacrificar pelo marido. Nesse instante, a mulher deixava de ser a figura maligna disfarçada de benevolência (como a primeira mulher, Pandora) e se transformava em um escudo indispensável. É possível que o autor trágico tivesse plena compreensão do contexto social ao qual as mulheres gregas estavam submetidas e da educação que recebiam para reprimir seus desejos e emoções. Até mesmo Homero já havia representado esse comportamento de dependência total das mulheres por seus protetores do sexo masculino, como se vê no desfecho da *Ilíada*, quando o corpo de Heitor é trazido a Troia por seu pai, Príamo, para os ritos fúnebres; as últimas palavras do poema são proferidas pelas mulheres troianas durante o funeral de Heitor:

Chora, ao redor, todo o povo, enquanto elas o rosto lhe afagam. E ficariam talvez, todo o dia, até o sol esconder-se diante das portas de Troia, chorando de Heitor o destino. [...] cheios de unção e tristeza, conforme aos queixumes das Teucas. Dá logo início aos lamentos, no meio das Teucas, Andrômaca de níveos braços, sustendo a cabeça de Heitor valoroso: cedo da vida apartado, querido consorte, me deixas viúva no belo palácio, com o filho ainda infante [...] (Homero, 2015, p. 510-511).

No ritual, ecoa um tema central: a dependência feminina em relação ao homem que acabara de falecer. Conforme mencionado por Barbara Graziosi, na obra *Homero* (2021, p. 94): “[...] da perspectiva das mulheres de Troia, é dolorosamente óbvio que as pessoas só podem florescer se cuidarem uma das outras”. Na ausência de Heitor (seu protetor), o destino das mulheres troianas era incerto. Assim sendo, seguindo a tradição, entende-se que Admeto já devia esperar esse gesto de sua esposa. Em *Alceste*, inclusive, o leitor descobre que a rainha aceita morrer no lugar do marido logo na terceira página, e, no livro de Tavares (2015), seu sacrifício é exposto de pronto na primeira.

Como dito anteriormente, não havia espaço para surpresas. A manutenção dessa tradição já na primeira parte da tragédia (pode-se inferir) oferece conforto à plateia, ao mesmo tempo que a mantém em alerta. A dúvida que

surge, então, é: o que ainda está por vir? Afinal, se a exigência da Morte era um corpo e ela já o possui, o que mais pode se suceder? O desenrolar futuro, embora aparentemente claro para todos, permanece indeterminado, e um novo elemento emerge: um hóspede acaba de chegar à casa de Admeto, Hércules.

É válido um pequeno adendo para explicar a importância do recebimento de um hóspede na Grécia Antiga. Existe uma discrepância notável entre o tratamento que os contemporâneos ocidentais dão aos seus hóspedes e aquele que os antigos gregos ofereciam, principalmente na Grécia do período arcaico e clássico. Na antiguidade, não existiam hotéis ou pousadas. Visitantes estrangeiros, em geral, eram recebidos nas casas das pessoas, sem sequer dizer seus nomes ou procedências. Isso lhes era indagado após o oferecimento de banquetes, lugar para dormir, roupas limpas e até mesmo presentes. Quando os visitantes estrangeiros partiam da casa onde tinham se hospedado, o que poderia acontecer após dias ou meses, um laço de amizade e fidelidade se estabelecia e permanecia entre aquelas famílias por gerações.

Hércules é recebido na casa de Admeto com honrarias, porém, de acordo com o servo de Admeto, “Hércules faz em casa alheia javardice; bebe e tropeça, canta, põe música” (Tavares, 2015, p. 65). O herói, tomado pelos efeitos do vinho, apresenta resquícios de comida e migalhas em seu rosto, revelando-se tão humano quanto qualquer outro. Em meio ao banquete, Hércules convida o servo a se juntar a ele, chama-o de amigo e compartilha com ele a brevidade da vida. O servo, por sua vez, revela ao herói o que de fato ocorre na casa, apesar de Admeto não o ter autorizado. Percebe-se que a intervenção do servo carrega o peso da tradição. Existe um protocolo a ser observado em uma casa enlutada. Ao expor a verdade, um padrão de comportamento é convencionado, determinando que cada um ocupe seu papel bem definido. O servo permanece como servo e Hércules, como herói; é necessário, independentemente de cada papel, respeitar o ambiente em que se chora a morte e se realiza um sacrifício.

Envergonhado da própria conduta na casa do nobre anfitrião, Hércules declara que irá ao reino dos mortos buscar Alceste e devolvê-la ao lar e ao marido. Essa ousadia não apenas causa perplexidade no leitor, mas também desperta estranheza no narrador de *Os velhos também querem viver*, que, a partir desse momento, deixa de acompanhar o herói e se volta para narrar o lamento na casa de Admeto.

Deitada em seu quarto e à beira da morte, Alceste faz suas exigências ao marido: “Honras meu sacrifício. Aos meus dois filhos, não dês uma segunda

mãe. Admeto não hesita: sim, eu juro” (Tavares, 2015, p. 29). Tal prontidão demonstra o desespero do rei em escapar do próprio destino, em escapar da morte; Admeto não o faz para retornar ao campo de batalha e se reunir aos homens nas ruas de Sarajevo, que já deveriam estar viúvos ou órfãos sem sabê-lo e precisando desesperadamente de ajuda.

Em comparação, quando retorna ao lar, Heitor exige que as mulheres façam orações e sacrifícios em nome da deusa Atena, despede-se de sua esposa e a consola com a declaração “[...] homem nenhum poderá, contra o Fado, mandar-me para o Hades, pois quero crer que a ninguém é possível fugir ao destino” (Homero, 2015, p. 168). Em seguida, reúne-se aos guerreiros e, juntos, lutam para defender Troia.

Esmiuçando o caso de Admeto, sua pressa revela um desejo singular e exclusivo de livrar-se do medo, buscando refúgio em seu lar e a segurança que ele lhe proporciona. Alceste, por sua vez, encontra-se morta. Quando Feres se aproxima para prestar homenagens fúnebres à nora, ele é impedido e repreendido pelo filho, que não o acolhe nem aceita seus presentes. Admeto culpa Feres por não ter morrido em seu lugar, já que vê o pai como ancião:

Não te quero aqui! Não és bem-vindo. Já tão velho – diz Admeto –, e não cedeste a tua vida em vez da minha. Apolo exigia um corpo, um apenas, em troca deste que ainda agora transporto. Podia ser velho ou novo, amarelo, negro ou vermelho. Aproximei-me de ti e fiz o pedido, não aceitaste por egoísmo (Tavares, 2015, p. 53).

Há uma clara atitude de vitimismo na fala de Admeto dirigida a seu pai. Ele o enxerga como malfeitor e egoísta; preocupa-se com um futuro estendido diante de si, como se detivesse o conhecimento e o controle sobre a quantidade de dias que lhe resta, assim como sobre a de seu pai. No entanto, Feres o faz reconhecer que “[...] a vida não é um cálculo simples, numérico e quantitativo. Se os novos gostam de viver, os velhos também. E por que razão a vida de um velho valeria menos do que a vida de alguém que agora começa?” (Tavares, 2015, p. 56).

Durante o cortejo da esposa, Admeto enfrenta as palavras duras, porém perspicazes, proferidas pelo próprio pai, que o chama de covarde, sugerindo que Admeto encontrou a fórmula da imortalidade; quando chegar o seu momento derradeiro, disse Feres, basta encontrar uma mulher que morra em seu lugar: “[...] a mera, a simples, a inequívoca covardia” (Tavares, 2015, p. 58), crítica a figura paterna.

Admeto ouve em silêncio o longo lamento de seu pai, assumindo a postura de um filho respeitoso. No entanto, nesse momento, o leitor percebe que, além de perder a esposa, também está perdendo o pai. O cortejo segue adiante e, agora a distância, Feres se torna apenas um ponto minúsculo no tecido espaço-tempo. A atmosfera do momento é pesada como se possuísse instrumentos técnicos capazes de converter toda a tensão do ambiente em energia explosiva. Dada essa intensidade, o narrador adverte que Sarajevo poderia ser devastada, enfatizando que a cidade “[...] assim não precisaria de inimigos, bombas ou cerco. Bastaria um sacrifício” (Tavares, 2015, p. 64).

Enquanto isso se sucede, Sarajevo permanece imersa na guerra. A necessidade de mais homens para a batalha persiste, porém, Admeto agora enfrenta uma luta interna contra os próprios sentimentos: o medo e a vergonha, que o narrador classifica como sentimentos menores. Ele também luta contra a própria desorientação; grita para ser alvejado e se refugia em sua residência; chama os servos para recompensá-los e, logo em seguida, ameaça puni-los. Isso é mais uma evidência de que a vida prática não pode ser reduzida a um cálculo simples, numérico e quantitativo, como afirmou Feres em seu discurso, na tentativa de transmitir algumas lições sobre a vida a seu filho. As circunstâncias mudam repentinamente e nos desorientam em relação à nossa existência cotidiana.

A dor é parte do curso natural da natureza humana, logo, a turbulência emocional de Admeto pode ser familiar ao leitor. Famílias inteiras já foram atingidas pela morte abrupta de um ente querido e experimentaram a dor e a confusão mental que tal tragédia traz consigo. Contudo, o leitor também reconhece a dificuldade de seguir em frente. Admeto, o nobre anfitrião e rei, se comporta como qualquer homem, qualquer viúvo.

Para Hércules, é difícil compreender a melancolia de Admeto: “Um vivo triste, um vivo que não quer estar vivo. Qual o sentido do sacrifício de Alceste? Qual o sentido de ela te dar a vida se depois tu, vivo, ficas a lamentar-te de o estar?” (Tavares, 2015, p. 84). As palavras proferidas pelo herói são logicamente sólidas; no entanto, não é com a lógica que se enfrentam as complexidades humanas. É geral a ciência de que, eventualmente, há de se enfrentar a morte, mas não nos encontramos prontos para encarar a revelação da data de nosso próprio falecimento ou a perda de um ente querido. O ser humano precisa se manter distante desse conhecimento para continuar sua existência. Portanto, por meio de Admeto, o leitor vivencia a intrincada tomada de decisões referentes a aspectos práticos da vida.

Até o derradeiro momento, Admeto acredita que sua trajetória consistirá em ser um pai devotado, empenhado na criação de seus filhos, enquanto lamenta a perda iminente da esposa agonizante. Entretanto, Hércules, o mesmo que enfrentou inúmeras provações com destreza, abraça um ponto de vista diferente: ele nutre a convicção de que pode desafiar a morte e restaurar a alegria no lar de Admeto trazendo Alceste de volta à vida, como forma de agradecimento pela hospitalidade do amigo.

Esse é o pensamento que o impulsiona a descer até o Hades, confrontar a terrível Morte e resgatar Alceste. Hércules entende que o futuro se encontra repleto de incertezas, uma vez que sua própria existência é contestável, sendo ele filho de um deus e de uma humana. Ele não logrou trazer de volta à vida sua própria esposa e seus filhos após tê-los ceifado sob o jugo da ira de Hera. No entanto, ao se submeter a seu primo Eristeu – considerado destituído de coragem e de princípios éticos – e cumprir 12 árduos trabalhos, obteve êxito em suas empreitadas. Tais triunfos conferiram a Hércules a confiança necessária para desafiar o inverossímil na trama de Admeto.

Para Admeto, no entanto, o futuro se apresenta inalterável, definido por sua própria natureza; até o momento em que Hércules entra em sua morada acompanhado por uma mulher que ostenta um véu sobre o rosto. Esse véu, segundo Chevalier e Gheerbrant (2020), simboliza aquilo que separa duas realidades: conhecimento oculto ou revelado. Nesse instante, Admeto se depara com um dilema: honrar a promessa que fizera à sua esposa ou aceitar a oferta de seu hóspede? Vale lembrar que sua destreza no acolhimento dos convidados foi o que lhe permitiu escapar de seu destino predefinido. Admeto hesita por um breve momento, mas, finalmente, aceita.

As palavras derradeiras de Admeto na novela-poema carregam-se de emoção quando ele ergue o véu da mulher à sua frente e profere: “É Alceste. Está viva” (Tavares, 2015, p. 85). Alceste, outrora morta, agora vive ao lado do marido, o qual passa a compartilhar seus dias com a presença da morte, até que os deuses imortais decidam um novo desfecho para ele. Vai conviver com uma morta que de pé vive. Afinal, nas palavras do narrador de *Os velhos também querem viver* (2015), foi por meio da intervenção do deus Apolo – o qual tinha concepções distintas e discordava da necessidade de um corpo moribundo ser entregue à terra para descansar –, que Admeto foi erguido, sustido antes de cair, e mantido sobre firmes pés e com a cabeça intacta. Agora, também é erguido e mantido de pé o corpo de Alceste.

Na novela-poema, os personagens Admeto, Alceste, o Coro e até mesmo Hércules têm poucas falas durante a narrativa; o narrador assume a tarefa de contar a história completa ao leitor. São personagens que possuem participações breves, o que pode dar a impressão de que têm menos relevância na trama. Temos um rei que solicita à sua esposa morrer em seu lugar; uma esposa que opta por enfrentar a morte para salvar o outro (sendo o outro seu protetor e marido) que teme um destino incerto; um herói embriagado, com resquícios de comida nos lábios; e um Coro que não é simplesmente um Coro, mas, como descreve o narrador, “macacos de imitação”; “homens reduzidos à fala e à visão” (Tavares, 2015, p. 80-81).

Entendemos que todos são macacos imitadores, exceto Feres, pai de Admeto, pois é o único que compreende com clareza o que está ocorrendo. Feres alerta o filho sobre o que a vida realmente significa, em um discurso repleto de dor e, possivelmente, decepção. Contudo, sem sucesso, ele percebe que está diante de um filho que está vivo, mas, de certa forma, já morto.

O desfecho que personagens e leitores sequer cogitam é revelado no clímax da tragédia, quando o destino de Admeto é influenciado por uma ação semelhante à do deus Apolo, protagonizado por Hércules. Trata-se de um presente de hospitalidade, um ato de generosidade por parte de um amigo. A hospitalidade grega (*Ksenia*) na cultura arcaica, como já referido, estava fundamentada em um mútuo respeito entre anfitriões e hóspedes, envolvendo trocas de gentilezas, presentes, abrigo e a garantia de direitos. A quebra desses laços de hospitalidade era considerada extremamente séria, podendo até mesmo atrair a ira de Zeus.

De certo modo, a novela-poema explora a conduta e a liderança de um futuro rei, bem como seus fracassos, e, nesse aspecto, guarda semelhança com a *Ilíada*, na qual a má liderança tanto de Agamenon quanto de Aquiles resultou na morte de muitos inocentes e quase custou a derrota na guerra. Dessa forma, podemos inferir que ambos os livros possuem um viés político. Contudo, também são obras (poemas) que incitam o leitor a ponderar sobre o valor da vida.

Admeto carece de controle sobre as próprias moradia e família, e até mesmo sobre Sarajevo. A confusão generalizada acaba por expor a reviravolta que se desencadeia quando a ordem social é subvertida. O ato de sacrifício de Alceste a eterniza na memória e confere a ela a imortalidade. É ela quem colhe a glória, trilhando um destino distinto. Caso não tivesse efetuado esse sacrifício, teria provavelmente compartilhado o destino de Andrômaca, esposa de Heitor. Correria o risco de ser subjugada a uma condição análoga à escravidão, caso

o marido e protetor viesse a morrer e o conflito em Sarajevo se alastrasse. De fato, a guerra avançou. Ao longo de quatro anos, 12 mil vidas foram perdidas, 50 mil indivíduos ficaram feridos e a população diminuiu pela metade. Como expressa o narrador: “metade é muito, é muitíssimo” (Tavares, 2015, p. 9).

Ao aceitar a proposta de um deus, Admeto agiu como se também fosse um deus. Esqueceu-se de sua própria humanidade. Heitor, por outro lado, consciente de sua posição e humanidade, apesar de ser considerado quase divino, encarou seu destino sem se curvar perante a vergonha das críticas que poderia enfrentar caso agisse de forma diferente. Admeto não se preocupou com a opinião alheia. Afinal, uma mulher – considerada inferior segundo os padrões da época – havia perecido. Qual seria a importância de perder apenas uma mulher?

Nesse ponto, é possível perceber não apenas a supremacia inerente ao título de futuro rei, mas também a supremacia masculina que prevalecia. Alceste, cujo papel na sociedade e destino já estavam claramente definidos desde sua juventude, devido a códigos rígidos de comportamento, alterou essa trajetória com uma única palavra: sim. Foi um sim obediente, um sim devoto, mas também um sim ao desejo de alcançar a imortalidade – o *kleos*<sup>1</sup> –, e à aspiração de transcender os limites do lar e ter um mínimo de controle sobre a própria existência. Foi um sim que representou seu desaparecimento e, ao mesmo tempo, sua permanência num mundo permeado por injustiças, conflitos e desgraças, tornando-se um ato de ressignificação da imagem da mulher, moldada pelos deuses como um castigo para os homens, responsabilizada por todos os infortúnios.

O “sim” proferido por Alceste possui significados mais profundos do que uma simples generosidade ou amor, como é descrito pelo narrador de Tavares. Compreendemos que esse sim não trata meramente de uma reintegração social ou religiosa em caso de perda prematura do marido, mas de uma questão de sobrevivência.

Helena, no Canto VI da *Ilíada*, em conversa com Heitor, já mencionava que Zeus havia reservado um destino doloroso para aqueles que desejassem ser celebrados, ou seja, imortalizados nos cantos dos poetas: “Triste destino Zeus grande nos deu, para que nos celebrem, nas gerações porvindouras, os cantos excelsos dos vates” (Homero, 2015, p. 165). Nesse trecho, Helena se refere aos homens que partem para a guerra de Troia, lutando e sacrificando-se

1 Do grego, comumente relacionada e traduzida como renome ou glória, relaciona-se também a ouvir o que se diz a seu respeito.

na esperança de serem lembrados, perpetuados na narrativa épica de um *Aedo*. Mas, e quanto às mulheres?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Virgínia Woolf, no livro *Três Guinéus* (2019), reflete sobre a diferença entre a experiência da guerra para homens e mulheres:

[...] guerrear tem sido, desde sempre, hábito do homem, não da mulher. As leis e a prática desenvolveram essa diferença, seja ela inata ou acidental. Raramente, no curso da história, um ser humano foi abatido pelo rifle de uma mulher; os pássaros e os animais foram e são, em sua grande maioria, mortos por vocês, não por nós (Woolf, 2019, p. 12).

O narrador de *Os velhos também querem viver* (2015) também faz uma breve reflexão sobre a diferença entre homens e mulheres nesse cenário:

Em tempo de guerra quem faz mais falta: o homem que fora da casa combate ou a mulher que dentro de casa protege os filhos que mais tarde sairão de casa para combater? Não há resposta e nunca houve resposta, dentro ou fora de Sarajevo (Tavares, 2015, p. 18).

Diante disso, como as mulheres travam suas batalhas? Quais são as armas à disposição delas? Que métodos podem empregar? Embora não tenham permissão para ir à guerra, têm o poder de criar futuros soldados; possuem armas menos evidentes, porém altamente eficazes, como a educação pública, que, infelizmente, também lhes era/é negada. O que lhes resta então? A aparente superficialidade? Isso é o que parece. No entanto, o gesto de Alceste em nada foi superficial. O valor da educação, entendida como instrução por meio de ações, gestos e palavras, é um dos mais profundos que existem, e foi precisamente isso o que Alceste transmitiu às futuras gerações de mulheres; ela ensinou-lhes o significado do seu “sim”, a sua obediência, generosidade e amor, conforme expresso pelo narrador. Ela ensinou o valor do seu sacrifício.

Alceste educou a geração vindoura de homens e mulheres. Contudo, qual é a essência dessa educação? Que tipo de seres humanos ela moldará? Qual é o valor intrínseco do sacrifício de uma mulher? Até que ponto é possível influenciar a trajetória já estabelecida do mundo? Será esse o tipo de educação

de que necessitamos? Será esse o padrão educacional que mantemos? São inúmeras as questões.

Retomando as palavras de Virgínia Woolf (2019, p. 47) na obra citada, na qual trata da mulher moderna e abastada do século XIX cujo horizonte ainda se limitava ao casamento e direcionava todos os seus esforços e sacrifícios exclusivamente para esse objetivo:

Era com vistas ao casamento que sua mente era treinada. Era com vistas ao casamento que ela teclava o piano, mas não lhe era permitido fazer parte de uma orquestra; esboçava inocentes cenas domésticas, mas não lhe era permitido fazer estudos de nus; lia este livro, mas não lhe era permitido ler aquele, encantava e conversava. Era com vistas ao casamento que seu corpo era educado; que uma criada lhe era atribuída; que as ruas lhe eram interditas; que os campos lhe eram interditados; que a solidude lhe era negada – tudo isso lhe era imposto para que ela pudesse conservar seu corpo intacto para o marido. Em suma, a ideia do casamento influenciava o que ela dizia, o que ela pensava, o que ela fazia. Como poderia ser diferente? O casamento era a única profissão que estava disponível para ela (Woolf, 2019, p. 47).

Por que, então, essa forma de educação motiva uma mulher a se posicionar à frente da bala que inicialmente estava destinada ao marido? Por que contribuir para fortalecer um sistema que impõe um preço tão elevado? Teria Alceste nutrido um desejo pelo sacrifício, talvez porque secretamente desejasse a guerra?

O desejo que moveu Alceste pode muito bem ter sido um resultado minucioso da multiplicação de pequenos acontecimentos, reais ou imaginados, que se entrelaçaram e se expandiram em sua mente, muitas vezes, sem uma compreensão exata ou uma direção clara. Não podemos afirmar qual era a sua intenção genuína, porém, é possível conjecturar que incidentes aparentemente insignificantes, provenientes de suas observações do mundo – tanto dentro quanto fora da guerra, seja esta pessoal ou não –, tenham traçado um caminho que ela sentia que deveria percorrer. A aderência à manutenção da tradição e a persistência em adotar uma conduta honrosa talvez tenham sido elementos presentes em seus desejos, embora conscientemente pensados e racionalizados. No entanto, suas ações levaram tanto a si mesma quanto aos outros a destinos novos e inexplorados.

O mundo grego antigo pode parecer distante demais para ser considerado um modelo relevante; afinal, a estrutura das cidades e a política da época não

se assemelham à atual realidade, e o mesmo se aplica à religião. O politeísmo grego, ao contrário do monoteísmo predominante hoje, não está fundamentado em um livro sagrado ou em uma revelação divina sobrenatural. Além disso, a busca pela salvação não era uma busca central para os antigos gregos. O âmago dessa religião reside principalmente na forma como ela se manifestava por meio do culto cívico e político. Em outras palavras, todas as práticas, tanto no âmbito familiar quanto no estatal, fossem elas ocorridas dentro da residência de um indivíduo ou em praça pública, possuíam uma dimensão religiosa subjacente. Pode-se dizer, portanto, que em todos os momentos da vida do cidadão grego, quer em nível individual ou coletivo, a experiência religiosa estava presente.

Não é por acaso que tanto o deus Apolo quanto o semideus Hércules intervêm no funcionamento habitual da casa de Admeto. A interferência nos assuntos ligados à morte é uma das características distintas do mundo grego.

Os gregos puseram em prática uma série de políticas em relação à morte cujo objetivo era civilizá-la, integrá-la à vida social: ritual fúnebre, sobrevivência gloriosa na memória coletiva, graças à poesia oral, ao culto heroico. Elaboraram uma maneira específica de fazer os defuntos continuarem a existir, mesmo tendo desaparecido para sempre, uma espécie de presença-ausência, dando a eles o que podemos chamar de *status* social dos mortos, um *status* que dava suma importância a alguns ao longo de toda existência comum do grupo (Vernant, 2021, p. 92).

E a crença religiosa vai além, estabelecendo uma relação de amizade entre deuses e humanos, conforme expresso nas palavras do narrador de Tavares (2015, p. 83): “[...] se ele permaneceu vivo, devido ao deus Apolo, seu amigo”. Essa amizade possibilita que tudo seja possível, como também destacado: “O destino pela primeira vez aceitou a substituição de um mortal por outro, de Admeto por Alceste”. Essa amizade não apenas é significativa em si mesma, mas também é um componente essencial na transmissão da crença no impossível ao longo dos séculos.

A crença fundamenta-se na ideia de que, ao oferecer sacrifícios aos deuses, eles retribuirão com as devidas recompensas. Isso levanta a questão: cabe aos mortais compreender como os deuses funcionam para obter benefícios deles? São benefícios concedidos pelos deuses ou é uma maneira de os humanos beneficiarem-se a si mesmos?

## From tragedy to novel-poem: an expanding dialogue

### Abstract

This article investigates the theme of sacrifice in the novella-poem *Os velhos também querem viver* (2015) by Gonçalo M. Tavares, a rereading of the tragedy “Alceste” by Euripides. It seeks to understand the sacrificial act, as exclusion of oneself for a greater good, in addition to establishing connections between the works and questioning their effectiveness in practical life. Although of different genres – the first being a novella-poem and the second being a tragic one –, the texts are based on the same episode and set in historically different periods. Gonçalo M. Tavares, at the end of the 20th century, and Euripides in the 5<sup>th</sup> century BC., modern and classic period.

### Keywords

Gonçalo M. Tavares. Sacrifice in literature. Euripides.

## REFERÊNCIAS

- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva; Raul de Sá Barbosa *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- EURÍPIDES. *Herácles*. Tradução Trajano Vieira [edição bilíngue]. São Paulo: Editora 34, 2014.
- EURÍPIDES. *Teatro Completo I: O Ciclope, Alceste, Medeia*. Tradução Jaa Torrano [edição bilíngue]. São Paulo: Editora 34, 2022.
- GRAZIOSI, B. *Homero*. Tradução Marcelo Musa Cavallari e Maria Fernanda Lapa Cavallari. Araçoiaba da Serra: Mnema, 2021.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução e introdução Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.
- LOURENÇO, F. *Grécia revisitada: ensaios sobre cultura grega*. São Paulo: Carambaia, 2022.
- TAVARES, G. M. *Os velhos também querem viver*. Alfragide: Caminho, 2015.
- VERNANT, J.-P. *A morte nos olhos: a figura do outro na Grécia Antiga*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- WOOLF, V. *Três guinéus*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.